

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

GUILHERME BATISTELLA

**EXPERIÊNCIAS E POSSIBILIDADES GEOGRÁFICAS NO
CURSO PRÉ-VESTIBULAR POPULAR QUILOMBO FLORES (PORTO
ALEGRE/RS)**

Porto Alegre

2024

GUILHERME BATISTELLA

**EXPERIÊNCIAS E POSSIBILIDADES GEOGRÁFICAS NO
CURSO PRÉ-VESTIBULAR POPULAR QUILOMBO FLORES (PORTO
ALEGRE/RS)**

Trabalho de Conclusão de curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do título
de licenciado em Geografia na Universidade
Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador(a): Prof. Dr. Nestor André Kaercher

BANCA EXAMINADORA:

**Prof. Dra. Cláudia Luísa Zeferino Pires
(Instituto de Geociências/UFRGS)**

**Me. Lara Machado Bitencourt
(Doutoranda em Geografia/UFRGS)**

RESUMO

O presente trabalho relata as experiências na construção do Curso Pré-Vestibular Popular Quilombo Flores realizado em parceria entre o Núcleo de Estudos Geografia e Ambiente (NEGA), que faz parte do curso de Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e o Quilombo da Família Flores, localizado no bairro Glória, em Porto Alegre/RS. Foram descritos os caminhos para a construção das atividades ao longo do ano de 2023, desde os primeiros passos na organização da estrutura do curso até as atividades realizadas com os estudantes, sendo analisados os desafios enfrentados ao longo do ano e as perspectivas para o futuro. Por fim, foram realizadas duas entrevistas: A primeira delas com 3 educadores do Curso, em que foi questionado e debatido a influência das atividades do Curso nas suas formações docentes e analisadas propostas a serem realizadas nos anos seguintes. A segunda entrevista foi realizada com lideranças do Quilombo em que foi construída, de forma conjunta, uma proposta de atividade pedagógica que possibilitasse criar um diálogo entre a história do Quilombo e do bairro onde ele se localiza e os conceitos geográficos.

Palavras-chave: Quilombo Flores; Curso Pré-Vestibular Popular Quilombo Flores; Educação Popular: Territórios; Ensino de Geografia

RESUMEN

Este trabajo relata las experiencias de la construcción del Curso Pré-Vestibular Popular Quilombo Flores realizadas en colaboración entre el Núcleo de Estudos Geografia e Ambiente (NEGA), que forma parte de la carrera de Geografía de la Universidad Federal de Rio Grande do Sul (UFRGS) y el Quilombo da Família Flores, ubicado en el barrio Glória, en Porto Alegre/RS. Se describieron los caminos para construir las actividades a lo largo de 2023, desde los primeros pasos en la organización de la estructura del curso hasta las actividades realizadas con los estudiantes, analizando los desafíos enfrentados a lo largo del año y las perspectivas de futuro. Finalmente se realizaron dos entrevistas: La primera a 3 docentes del Curso, en la que se cuestionó y debatió la influencia de las actividades del Curso en su formación docente y se analizaron propuestas a realizar en los siguientes años. La segunda entrevista se realizó a líderes del quilombos en la que se construyó en conjunto una propuesta de una actividad pedagógica que permitiera crear un diálogo entre la historia del Quilombo y el barrio donde se ubica y conceptos geográficos.

Palabras clave: Quilombo Flores; Curso Pré-Vestibular Popular Quilombo Flores; Educación Popular: Territorios; Ensino de Geografia

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Quilombos Urbanos de Porto Alegre/RS.....	11
Figura 02 - Valores civilizatórios afro-brasileiros.....	14
Figura 03 - Geneci Flores, liderança política do Quilombo da Família Flores.....	15
Figura 04 - Mapa do Quilombo da Família Flores.....	17
Figura 05 - Sede da Associação do Quilombo da Família Flores.....	22
Figuras 06 E 07 - Aulas sendo realizadas no Curso Pré-Vestibular Popular Quilombo Flores.....	24
Figura 08 - Card de divulgação para arrecadação de apoio para as passagens de ônibus dos estudantes.....	25
FIGURA 09 - Reportagens sobre o Curso em jornais digitais.....	26
Figura 10 - Evento de encerramento do Curso Pré-Vestibular Popular Quilombo Flores.....	28
Figura 11 - Entrada do Quilombo e ponto de partida da atividade.....	41
Figura 12 - Casas do Quilombo dos Alpes observadas a partir do Quilombo da Família Flores.....	42
Figura 13 - Muro construído ao longo do conflito com a Fundação Marista..	43
Figura 14 - Arroio Cascata.....	44
Figura 15 - Certificado de Autorreconhecimento da Fundação Cultural Palmares exposto na sede da Associação.....	45

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
1.1 OBJETIVOS GERAIS E ESPECÍFICOS.....	7
1.2 JUSTIFICATIVA.....	8
1.3 METODOLOGIA.....	9
2. REFERENCIAL TEÓRICO	10
2.1 QUILOMBOS URBANOS EM PORTO ALEGRE/RS.....	10
3. QUILOMBO DA FAMÍLIA FLORES	14
4. CURSOS PRÉ-VESTIBULARES POPULARES	18
5. CURSO PRÉ-VESTIBULAR POPULAR QUILOMBO FLORES	20
5.1 ORIGEM DO CURSO.....	20
5.2 PLANEJAMENTO E ORGANIZAÇÃO DO CURSO.....	20
5.3 INICIAM-SE AS AULAS.....	23
6. ENTREVISTA COM OS EDUCADORES DO CURSO	29
7. PROPOSTA DE SAÍDA DE CAMPO	40
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERENCIAL	49
ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	51

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho está inserido dentro de um contexto de compartilhar as experiências realizadas ao longo do ano de 2023 no Curso Pré-Vestibular Popular Quilombo Flores, projeto realizado em parceria entre o Núcleo de Estudos Geografia e Ambiente (NEGA), que faz parte do curso de Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e o Quilombo da Família Flores.

Enquanto bolsista do NEGA, fui um dos responsáveis pela organização e planejamento das atividades do Curso através da função de monitor. Entre as diversas atividades que a monitoria desempenha, destaca-se a organização de materiais requisitados pelos educadores antes das aulas, o acolhimento dos estudantes, a divulgação das atividades pelas redes sociais e a formatação de materiais de estudo, como apostilas e livros. Nesse sentido, o presente trabalho está inserido numa reflexão a respeito dos processos para a construção do Curso, mas também na escuta de outros sujeitos que participaram das atividades.

1.1 OBJETIVOS GERAIS E ESPECÍFICOS

O presente trabalho busca refletir sobre as possibilidades de construção de um espaço de educação popular localizado num território quilombola. Além disso, será apresentado os caminhos percorridos para a efetivação do Curso Pré-Vestibular Popular Quilombo Flores e, a partir dessa experiência, analisar de forma crítica as atividades do curso e propor atividades possíveis para os anos seguintes.

Entres os objetivos específicos, se buscará:

- Refletir sobre os desafios acerca da construção de um pré-vestibular localizado num quilombo e as várias formas como esse espaço influencia na construção da identidade docente dos educadores que fizeram parte do curso.
- Divulgar o trabalho conjunto entre o Quilombo da Família Flores e o NEGA (Núcleo de Estudos Geografia e Ambiente) do curso de Geografia da UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul).

- Identificar desafios compartilhados entre o pré-vestibular popular em questão e os outros cursos de mesma característica.
- Através de entrevistas com diferentes participantes do Curso, entender desafios e demandas relacionados à prática docente e desenvolver propostas de atividades para os anos seguintes.

1.2 JUSTIFICATIVA

Um Curso Pré-Vestibular Popular Quilombola atende a demandas extremamente específicas. De um lado, a necessidade de expandir espaços educacionais voltados para comunidades quilombolas urbanas. Por outro lado, há a necessidade de expandir também o acesso a cursos preparatórios para o vestibular e desenvolver atividades voltadas para uma educação crítica e que trate o aluno como protagonista do conhecimento. O presente trabalho se faz relevante pois aborda uma parte significativa da minha própria trajetória acadêmica, profissional e pessoal: fiz parte, ao longo de todos os 5 anos de graduação, de cursos pré-vestibulares, tanto em comissões pedagógicas, quanto como educador de Geografia, seja em espaços voltados para uma educação popular, seja em instituições privadas. Portanto, ao analisar, descrever e refletir sobre o curso pré-vestibular popular em questão, também trago comigo uma identidade construída ao longo de todo o curso, com experiências que divergem e convergem com a experiência que será relatada neste trabalho.

Para além desses espaços cabe ressaltar também minha participação enquanto bolsista do NEGA (Núcleo de Estudos Geografia e Ambiente), que têm sido extremamente importante na minha formação enquanto geógrafo e surgiu como uma oportunidade de ampliar minha visão sobre a cidade e sobre a educação. A oportunidade de trabalhar em diversas frentes dentro da questão quilombola, seja através da construção de relatórios interdisciplinares, a partir de atividades pedagógicas ou até mesmo na divulgação de outros projetos que acontecem nos territórios tem sido importante na minha formação enquanto acadêmico e trouxe à tona conflitos, contradições e desafios que eu, ao longo de minha trajetória pessoal inserida em espaços privilegiados na cidade, não tive contato. Sendo assim, é importante iniciar a justificativa do trabalho ao considerar minha trajetória enquanto um homem branco de classe média que, ao optar por um curso de licenciatura numa

universidade pública, encontra diferentes desafios e questões que até então não faziam parte de minha trajetória pessoal.

Portanto, o presente trabalho se justifica por ser uma oportunidade de divulgar uma importante atividade realizada num território quilombola, além de permitir o registro de avaliações, críticas e propostas para serem consideradas ao longo do planejamento dos próximos anos de curso. Diversos desafios percebidos na realização desse curso pré-vestibular popular também são compartilhados com outros cursos, portanto, o presente trabalho também é relevante no sentido de permitir a inclusão das reflexões aqui presentes num contexto maior com outros trabalhos que abordem os cursos pré-vestibular populares.

1.3 METODOLOGIA

A metodologia do trabalho consiste na revisão bibliográfica dos principais conceitos abordados, desde o contexto de formação dos primeiros cursos pré-vestibulares populares até o entendimento contemporâneo a respeito das comunidades quilombolas. Além disso, para que fosse possível a descrição das atividades realizadas ao longo do ano letivo, foram realizadas observações participativas nas aulas do curso a fim de analisar os principais desafios dos professores e alunos e subsidiar análises posteriores.

Por fim, também fez parte da metodologia a realização de entrevistas com outros participantes do Curso. A primeira entrevista foi realizada no final do ano letivo de 2023 com três educadores do curso, na sede do Quilombo Flores, e teve como objetivo a avaliação geral do ano e o debate acerca das lições (pessoais e gerais) que os professores tiveram ao longo de suas atividades. A segunda entrevista também foi realizada na sede do quilombo com a liderança do território, Geneci Flores, e o advogado do Quilombo, Dr. Ângelo Marcelo Curcio. O objetivo da segunda entrevista foi uma avaliação das aulas e do planejamento do curso e a organização de propostas de atividades a serem realizadas ao longo dos anos seguintes.

Portanto, a metodologia do trabalho se construiu a partir do diálogo com diferentes sujeitos que participaram da construção do curso. Porém, não apenas através de entrevistas planejadas e roteirizadas, mas também a partir da vivência dentro das aulas, o diálogo com os alunos e a participação ao longo de todas as

atividades, assumindo uma perspectiva de pesquisa-participante a partir das reflexões de Carlos Rodrigues Brandão, que a conceitua como "Uma das modalidades em que há um envolvimento dialógico e de destinação tão amplo quanto possível, e em que os "sujeitos pesquisados" são também essencialmente co-autores e co-autores de todo o seu acontecer" (2006, p. 5).

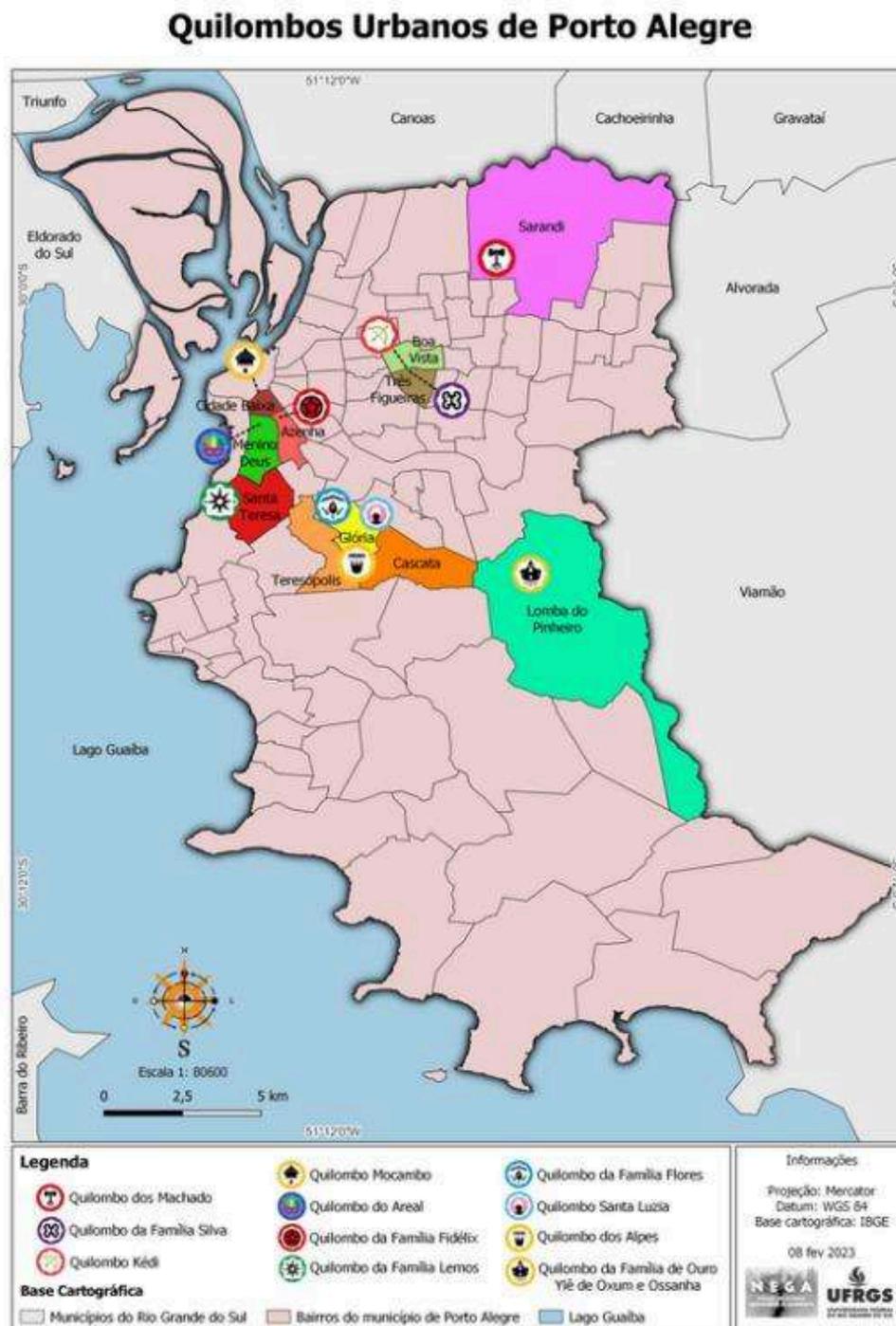
Por fim, é importante citar que, ainda que as entrevistas tenham sido o ponto de partida para a organização das propostas do trabalho, o Atlas da Presença Quilombola em Porto Alegre/RS (2021) foi um material essencial para o desenvolvimento do trabalho. Portanto, o relato das atividades e a organização das propostas deste trabalho está relacionado diretamente à minha participação na organização do curso, porém, só foi possível a partir do árduo trabalho realizado durante tantos anos pelo NEGA e que está contemplado no Atlas.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 QUILOMBOS URBANOS EM PORTO ALEGRE/RS

Porto Alegre é a capital brasileira com o maior número de quilombos urbanos, são 11 territórios autorreconhecidos (Pires et al, 2021) (FIGURA 01), sendo 10 certificados pela Fundação Cultural Palmares e 1 território titulado, o primeiro quilombo urbano do país, o Quilombo da Família Silva, em 2009.

Figura 01 - Quilombos Urbanos de Porto Alegre/RS



Fonte: NEGA (2023)

As territorialidades negras e quilombolas estão presentes na construção da cidade de Porto Alegre desde o período colonial. O Areal da Baronesa, a Colônia

Africana e a Ilhota são somente alguns exemplos de como a presença negra em Porto Alegre atravessa os séculos e permite entender o crescimento e a expansão da cidade a partir da expulsão dessas populações das áreas centrais. Os quilombos urbanos de Porto Alegre, nesse sentido, se manifestam enquanto importantes territórios de resistência aos processos de periferização da população negra, tendo em vista que sua luta pela titulação das terras está, constantemente, ameaçada por conflitos fundiários protagonizados pela especulação imobiliária, muitas vezes em bairros onde, atualmente, estão localizadas as áreas nobres da cidade. Mais do que isso, os quilombos urbanos são espaços relevantes na atualidade no sentido de se estabelecerem enquanto territórios que expressam outras possibilidades de se viver, tanto no espaço rural quanto no espaço urbano.

A presença quilombola em Porto Alegre se revela extremamente influente na Geografia e na História da cidade. Beatriz Nascimento afirma em “O Conceito de Quilombo e A Resistência Cultural Negra (2006)” que a primeira definição de quilombo foi conceituada pelo Conselho Ultramarino Português, em 1740: “toda a habitação de negros fugidos que passem de cinco, em parte desprovida, ainda que não tenham ranchos levantados nem se achem pilões neles”, ou seja, a definição “tradicional” de quilombo está diretamente conectada com o entendimento da metrópole sobre a organização social da população negra. Atualmente, o Decreto 4.887, de 20 de novembro de 2003, define quilombo como

“terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos, utilizadas para a garantia de sua reprodução física, social, econômica e cultural. São remanescentes os grupos étnico-raciais, segundo critérios de autoatribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida.” (Brasil, 2003)

Porém, Beatriz Nascimento, ao descrever as transformações do conceito de quilombo, analisa que:

Durante sua trajetória o quilombo serve de símbolo que abrange conotações de resistência étnica e política. (...) Como prática política apregoa ideais de emancipação de cunho liberal que a qualquer momento de crise da nacionalidade brasileira corrige distorções impostas pelos poderes dominantes. (Nascimento, 2006, p. 124)

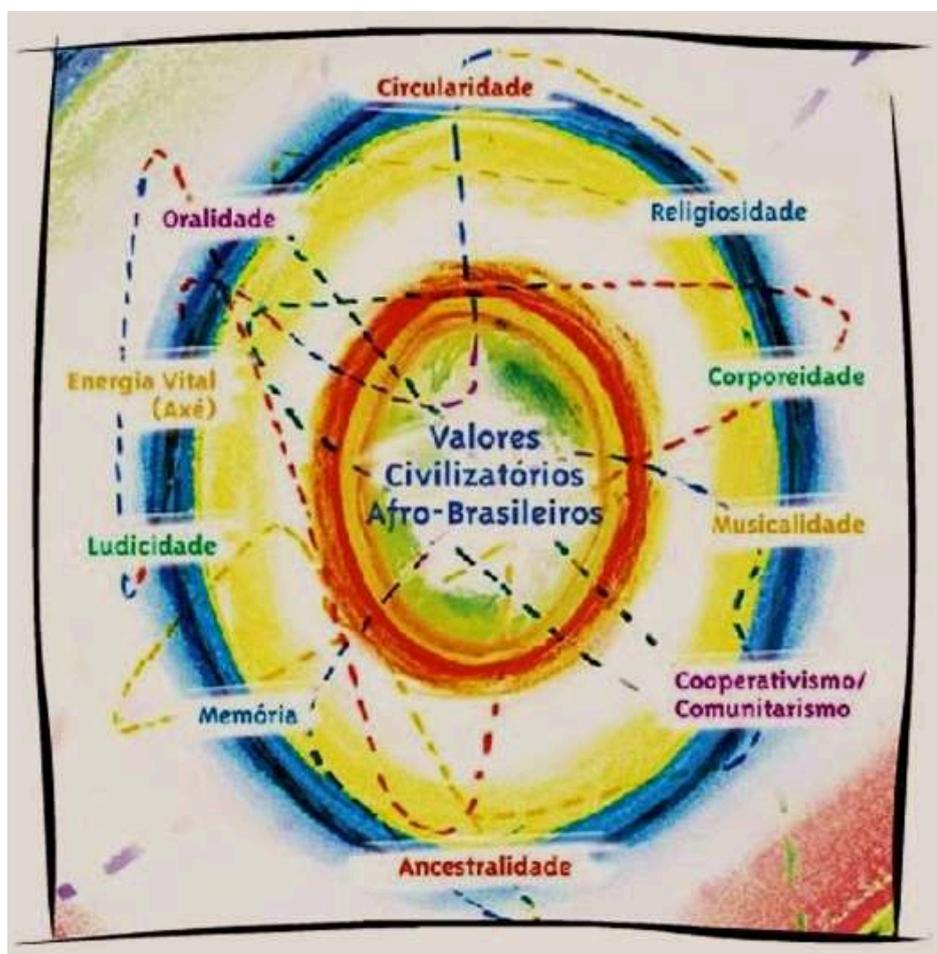
Ilka Leite (2008) reflete sobre a ressemantização do termo “quilombo” ao longo do processo de redemocratização brasileira. Nesse ponto, avalia as três possibilidades de entendimento do termo no contexto pós-abolição:

- 1 - Quilombo como direito a terra, como suporte de residência e sustentabilidade há muito almejadas nas diversas unidades de agregação das famílias e dos núcleos populacionais compostos majoritariamente, mas não exclusivamente de afrodescendentes.
- 2 - Quilombo como um conjunto de ações em políticas públicas e ampliação de cidadania, entendidas em suas várias dimensões.
- 3 - Quilombo como um conjunto de ações de proteção às manifestações culturais específicas. (Leite, 2008, p. 970)

Portanto, para compreender o conceito de quilombo a partir dos referenciais negros e, principalmente, se distanciar de compreensões que fixam o conceito de quilombo no tempo (ou seja, no passado) e no espaço (sobretudo às regiões rurais), é importante entender que não há apenas uma construção histórica e espacial generalize as comunidades quilombolas: cada território possui suas especificidades e deve ser entendido enquanto uma construção complexa (Pires e Bitencourt, 2021). Mais do que isso, os quilombos urbanos de Porto Alegre se estabelecem enquanto territórios que representam “um instrumento vigoroso no processo de reconhecimento da identidade negra brasileira para uma maior auto afirmação étnica e nacional.” (Nascimento, 2006).

Dentro da diversidade das comunidades quilombolas, a partir das memórias e da oralidade, se expressam os valores afro-civilizatórios brasileiros, elencados pela professora Azoilda Trindade (2010), que correspondem à circularidade, religiosidade, corporeidade, musicalidade, cooperativismo/comunitarismo, ancestralidade, memória, ludicidade, energia vital (axé) e oralidade (FIGURA 02). Tais valores afro-civilizatórios se manifestam nas práticas quilombolas do seu cotidiano, sendo possível entender um pouco melhor a construção das territorialidades quilombolas, seus valores e suas perspectivas de futuro.

Figura 02 - Valores civilizatórios afro-brasileiros



Fonte: Trindade. A Cor da Cultura (2010)

3. QUILOMBO DA FAMÍLIA FLORES

O Curso Pré-Vestibular Popular Quilombo Flores teve suas atividades realizadas na sede da Associação do Quilombo da Família Flores e a construção do curso foi realizada de forma conjunta com as lideranças do Quilombo e o NEGA (Núcleo de Estudos Geografia e Ambiente). Portanto, é importante, inicialmente, realizar uma caracterização histórico-geográfica do território.

O Quilombo da Família Flores localiza-se na rua Manduca Rodrigues, 283 – Bairro Glória, na Zona Sul de Porto Alegre (FIGURA 03). A origem da ocupação negra dessa região da cidade remonta ao final do século XIX, com a sesmaria de Manuel da Silva Nunes, a partir da prestação de serviços para as propriedades do entorno (PMPA, 1995). O território do quilombo passou a ser vivenciado pela família

Flores no ano de 1975 a partir da união entre Rosalina e Adão Fausto Flores da Silva, junto com o pai e 4 filhos de Rosalina frutos de um casamento anterior. Anteriormente, Rosalina e sua família moraram na Estrada dos Alpes, próximo ao Quilombo dos Alpes, que se distancia somente 2,5 km do Quilombo da Família Flores. A proximidade entre os dois quilombos é uma marca importante dessa região de Porto Alegre, que também conta com o Quilombo Santa Luzia, localizado no bairro Cascata, vizinho do bairro Glória.

Atualmente, a principal liderança do Quilombo da Família Flores é Geneci Flores (FIGURA 03), nascida no território do quilombo e atuante enquanto liderança política, sendo também militante da Frente Quilombola/RS. Além desses pontos, Geneci também se estabelece enquanto uma liderança comunitária, sobretudo a partir da sua participação em outros projetos sociais do bairro Glória, como o Projeto Geração Tigres, que desenvolve atividades relacionadas ao futebol com crianças de 6 a 14 anos semanalmente.

Figura 03 - Geneci Flores, liderança política do Quilombo da Família Flores.



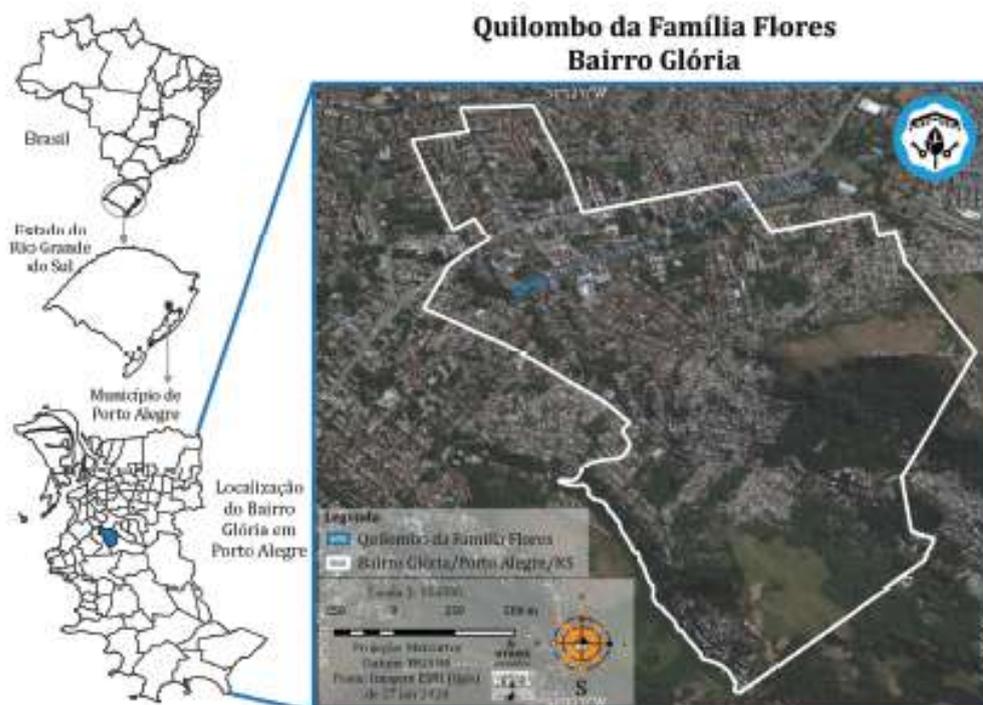
Fonte: Camila Hermes (2023)

Ao longo da trajetória do Quilombo da Família Flores, vale destacar marcos territoriais importantes que expressam a relação íntima do território quilombola com o bairro. No fundo do território localiza-se o Arroio Cascata, corpo d'água onde eram

realizadas as lavagens de roupas e utensílios domésticos durante o período em que as propriedades rurais eram predominantes na região. Geneci Flores, em entrevista realizada para a construção deste trabalho, cita a importância do arroio ao longo da sua infância, tanto como fonte de renda devido ao trabalho das lavadeiras, mas também como fonte de abastecimento de água até a posterior chegada de encanamento na região. Até hoje o arroio Cascata preserva nas rochas próximas à margem a marca da erosão causada pelos anos de utilização como tanque de lavagem.

Outro traço importante do território do quilombo que demonstra a sua relação com o bairro é a área que foi ocupada, no passado, pelo campo de futebol Caveirinha. Em entrevista, Geneci e Ângelo descrevem a importância do campo de futebol para a socialização dos jovens como um espaço de lazer público através da realização de campeonatos de futebol e outras confraternizações. Laura Flores (2022) também cita a importância da relação entre o futebol e o Quilombo da Família Flores ao destacar a presença do campo de futebol na construção de uma memória coletiva entre o bairro e o território ao “estabelecer um fio condutor entre paisagem e memória do bairro que passam pelo território do Quilombo da Família Flores.” (p.40)

Figura 04 - Mapa do Quilombo da Família Flores



Fonte: NEGA (2023)

A partir desses sentidos atribuídos ao campo de futebol, torna-se relevante a constatação da sua demolição a partir do pedido de reintegração de posse aberto pela Fundação Marista – Unidade Assunção. Em 2015, muros foram levantados e cercas foram armadas separando grande parte do território do quilombo, que passou a ser gerido pela Fundação Marista, onde foram realizadas as obras de ampliação do estacionamento. Juridicamente, porém, ainda existem disputas sobre a verdadeira posse do terreno, tendo em vista que não há registro de posse por parte da Fundação Marista.

O Quilombo da Família Flores recebeu, em 2017, a Certidão de Autorreconhecimento da Fundação Cultural Palmares, um importante instrumento na defesa da permanência do território. Em 2019 foram realizadas as primeiras reuniões com o Instituto Nacional da Colonização e da Reforma Agrária (INCRA) para o desenvolvimento do Relatório Técnico de Identificação e Delimitação (RTID) que faz parte de uma das etapas do processo de regularização fundiária e titulação do território. Em 2023, ano de desenvolvimento do presente trabalho, o RTID segue

em construção, tendo sido acompanhado por um importante passo na regularização fundiária do território, a criação da Associação do Quilombo Flores.

4. CURSOS PRÉ-VESTIBULARES POPULARES

A origem dos cursos pré-vestibulares populares está associada ao crescimento e complexificação dos processos seletivos das universidades brasileiras. Segundo Zago (2008), a expansão de vagas nas universidades públicas e privadas, a partir da década de 1970, é permeada de contradições: ainda que o número de vagas tenha aumentado, a desigualdade no acesso, sobretudo nas instituições públicas, também foi perceptível. O principal motivo está associado ao abismo entre as instituições públicas e privadas de ensino básico: a primeira, estruturada de forma a atender integralmente os conteúdos determinados pelas políticas públicas de educação; a segunda, com diversos desafios no que tange à infraestrutura, disponibilidade de professores e continuidade de atividades. Não cabe aqui identificar e caracterizar os principais problemas e desafios das escolas públicas, tendo em vista a farta literatura sobre o assunto, porém, é evidente que a qualidade do ensino básico público, ao ser confrontado com instituições privadas, num processo seletivo “igualitário”, demonstra uma enorme incapacidade de preparar os alunos para a aprovação nos processos seletivos em geral. Os diversos desafios enfrentados pelos alunos de escola pública, que de maneira geral possuem origens de classes sociais baixas, minam, pouco a pouco, as chances de conseguirem o acesso ao Ensino Superior, o que é definido por Bourdieu e Champagne (2003) como “eliminação branda”: os efeitos de, ano após ano, não ter acesso a uma educação de qualidade, afastam paulatinamente os estudantes das escolas públicas, seja através da impossibilidade de aprovação no vestibular, seja através do desestímulo ao interesse de estudar.

É nesse contexto, portanto, que se inserem os cursos pré-vestibulares populares e comunitários: a demanda de estudantes de escolas públicas que, remando contra a maré, buscam a aprovação nos vestibulares e o ingresso no Ensino Superior. Zago identifica a origem dos primeiros cursos pré-vestibulares populares a partir de movimentos sociais organizados e vinculados à população majoritária das escolas públicas: o Movimento Negro, os movimentos estudantis, os

movimentos sindicais e as pastorais da Igreja Católica são exemplos de organizações sociais que deram origem aos primeiros cursos pré-vestibulares populares no final da década de 1980, consolidando-se nos anos 1990 (Zago). No caso do tema do presente trabalho, cita-se a inclusão dos quilombos urbanos no mesmo contexto.

Segundo Zago, a proximidade desses movimentos sociais com estudantes que buscam o acesso ao Ensino Superior motiva a organização dos cursos que, por mais que tenham como objetivo principal a aprovação no vestibular, também permeiam outra finalidade: a formação da cidadania, tendo em vista que a falta de acesso a uma educação de qualidade não só impede que os conteúdos escolares sejam aprendidos (mesmo que da forma mais direta possível), mas também tem um efeito imenso na formação crítica dos estudantes, afetando a consciência de seus direitos e deveres enquanto cidadãos.

Há, portanto, uma relação intrínseca entre a denúncia a respeito das desigualdades sociais no Brasil e a formação de cursos pré-vestibulares populares. Sua existência é uma forma de mitigar os profundos problemas da educação brasileira e os seus objetivos são, ao mesmo tempo, pragmáticos e políticos. É por esse motivo que o Curso Pré-Vestibular Popular Quilombo Flores se insere na perspectiva de uma educação popular: a apresentação dos conteúdos básicos para a realização da prova são transversalizadas por uma abordagem que busca construir em conjunto com os alunos um entendimento crítico sobre a cidadania no Brasil a partir de uma matriz de conhecimento quilombola.

Portanto, é possível perceber uma relação entre cursos pré-vestibulares formados a partir de movimentos sociais e a educação popular sob a perspectiva de Paulo Freire. Segundo Pitano (2016):

“Concebendo a educação como o fator de mudança social rumo ao desenvolvimento, Freire percebe a necessidade de ampliar o movimento educacional, introduzindo-o em todas as instâncias sociais possíveis (escolas, sindicatos, fábricas, organizações comunitárias...). Mantendo sempre articulados os necessários saberes locais aos globais, visando, com isso, aprofundar as reflexões coletivas sobre as contradições vividas *na e pela* comunidade, sem perder a dimensão maior da sociedade complexa. (p.36)

Portanto, é possível perceber que, assim como os movimentos sociais citados anteriormente, o Quilombo Flores se estabelece como um ator político ao se afirmar enquanto um território que, entre diversos objetivos, também luta pelo acesso ao Ensino Superior das populações periféricas. Dessa forma, além de expandir o movimento educacional na direção de um público específico, o Curso Pré-Vestibular Popular Quilombo Flores também se insere num contexto de formação cidadã.

5. CURSO PRÉ-VESTIBULAR POPULAR QUILOMBO FLORES

5.1 ORIGEM DO CURSO

A partir dos conceitos analisados anteriormente, o Curso Pré-Vestibular Popular Quilombo Flores tem sua origem ligada a dois motivos principais: o diagnóstico realizado pela liderança do Quilombo, Geneci Flores, ao constatar a ausência de um curso popular de preparação para vestibulares no bairro Glória, o que afeta diretamente o acesso dos estudantes da região e suas perspectivas de futuro na universidade; e o objetivo pessoal da liderança do Quilombo Flores em acessar o Ensino Superior. A partir desses interesses o Curso Pré-Vestibular Popular Quilombo Flores se estabeleceu através da interlocução entre o Quilombo Flores e o NEGA (Núcleo de Estudos Geografia e Ambiente), que já haviam realizado de forma conjunta outras atividades, principalmente relacionadas à produção do Atlas da Presença Quilombola em Porto Alegre/RS (2021), que tem como autores tanto os membros do NEGA quanto as lideranças do Quilombo.

5.2 PLANEJAMENTO E ORGANIZAÇÃO DO CURSO

As primeiras reuniões a respeito do planejamento das atividades do Curso Pré-Vestibular Popular Quilombo Flores foram realizadas nos dias 13 de abril e 03 de maio de 2023, a partir de um encontro online com os monitores do curso, todos membros do NEGA. A monitoria, nesse caso, foi a função determinada aos membros do NEGA que estariam presentes ao longo das aulas. Entre as funções, destaca-se a organização de materiais prévios às aulas, organização da sala de aula, comunicação com as lideranças do Quilombo, alunos e educadores e, principalmente, acompanhamento das atividades semanalmente. Nesse momento, houve a necessidade de se definir aspectos importantes da realização do curso, como a periodicidade das aulas, o corpo docente, a divulgação dos processos seletivos necessários e o angariamento de fundos para o curso.

Após as reuniões iniciais, no dia 17 de maio de 2023 foi apresentado o projeto do curso na sede da associação do Quilombo Flores, a fim de possibilitar análises e sugestões da liderança, Geneci Flores, a partir de uma construção conjunta. Foi definida a realização das aulas na sede da associação (FIGURA 05), com frequência de um dia por semana, às quartas-feiras, no período noturno, das 18:00 às 21:00. As principais justificativas para tal escolha estão diretamente relacionadas às características que compõem a estrutura de um curso pré-vestibular popular: o público-alvo do curso foi definido para jovens em idade escolar e adultos que buscam retomar os estudos. Dessa forma, se fez necessário a realização do curso no período noturno, devido aos compromissos relacionados à trabalho e escola durante o dia. Além disso, a periodicidade de um dia por semana no curso está relacionada à grande demanda de tempo e infraestrutura que um curso como esse exige em contraponto com o número limitado de monitores. Dessa forma, para garantir uma organização adequada, tanto dos alunos quanto dos monitores, definiu-se uma periodicidade restrita a um dia de aula por semana. Por fim, foi definido também o calendário das aulas, com início em 28/06/2023 e com término em 08/11/2023. A escolha das datas foi condicionada, sobretudo, à data do ENEM (Exame Nacional de Ensino Médio), realizado nos dias 05/11 e 12/11 de 2023. O fato do calendário do curso ter sido pautado pelo ENEM também foi determinante para estabelecer os parâmetros do processo seletivo de educadores, tendo em visto que, dessa forma, se definiu quais áreas do conhecimento deveriam constar no calendário de aulas.

Figura 05 - Sede da Associação do Quilombo da Família Flores



FONTE:Camila Hermes (2023)

O final do mês de maio e o mês de junho de 2023 foram reservados para a realização dos processos seletivos de alunos e educadores. Nesse ponto, cabe destacar a importância da divulgação na realização desse tipo de projeto, sobretudo a partir das redes sociais. Através do aplicativo Instagram, foi criado um perfil do Curso com o objetivo principal de formar uma rede de contatos com outros cursos pré-vestibulares populares, movimentos sociais, diretórios acadêmicos e outros núcleos de estudo. A partir da criação dessa rede de difusão mútua se estabeleceu os primeiros contatos com possíveis educadores, através da divulgação online dos formulários de inscrição. Porém, mesmo a partir de um extenso processo de divulgação, foram encontradas dificuldades na seleção de educadores, sobretudo nas áreas das ciências exatas, como Matemática e Física. O diagnóstico desse problema envolve tanto a dificuldade de se divulgar um projeto que se inicia do zero, quanto o próprio esvaziamento generalizado das licenciaturas, sobretudo nos cursos de ciências exatas. Contribui, também, o fato do Curso Pré-Vestibular Popular Flores

não fornecer, inicialmente, nenhum tipo de subsídio financeiro aos educadores, tendo uma participação integralmente voluntária.

Sendo assim, os dois primeiros meses de planejamento do curso tiveram como resultado a organização de um canal de divulgação das atividades e a seleção do grupo de educadores, compostos por 8 professores e 4 monitores. Entre os educadores, destaca-se aqui a união das disciplinas de Matemática e Física sob a organização de somente um educador, tendo em vista as dificuldades explicitadas ao longo do processo seletivo. Mais do que isso, as disciplinas relacionadas à prova de Linguagens e suas tecnologias, correspondentes à Língua Estrangeira, Língua Portuguesa e Literatura também ficaram sob responsabilidade de somente uma educadora.

O período de organização e planejamento do curso encerrou-se com uma formação de professores, realizada no dia 14/06/23. A intencionalidade dessa formação diz respeito à apresentação dos professores ao NEGA e às lideranças do quilombo e um debate no que diz respeito aos desafios, objetivos e circunstâncias dos quilombos urbanos em Porto Alegre. Foram convidados três palestrantes: a prof. Cláudia Pires, orientadora do NEGA, Luiz Rogério Machado, a liderança do Quilombo dos Machado e Geneci Flores, liderança do Quilombo Flores. A partir das falas, os desafios, lutas e perspectivas dos quilombos urbanos de Porto Alegre foram apresentados aos educadores, buscando conectar os objetivos das aulas à perspectiva quilombola.

5.3 INICIAM-SE AS AULAS

As aulas do Curso Pré-Vestibular Popular Quilombo Flores foram realizadas do dia 21/06 ao dia 06/12, todas as quartas-feiras, na sede do Quilombo da Família Flores, com início às 18:00 e término às 21:00. Porém, destaca-se o cancelamento de duas aulas, previstas para ocorrer, respectivamente, em julho e setembro, devido aos ciclones extratropicais que atingiram Porto Alegre ao longo do inverno.

A primeira chamada de estudantes aconteceu antes do início das aulas, teve 36 inscritos e foi divulgada através da rede social do curso. Entre os inscritos que demonstraram interesse foi realizado um questionário a fim de mapear o perfil dos possíveis estudantes. No questionário, 50% dos entrevistados se autodeclararam pretos, 28% se autodeclararam pardos e 22% brancos. Além disso, 70% não se

autodeclararam quilombolas e 30% quilombolas. Dentro do conjunto de inscritos que se auto identificaram como quilombolas foram citados, além do Quilombo Flores, o Quilombo dos Machado e o Quilombo da Família Silva, ambos na Zona Norte de Porto Alegre, o Quilombo dos Lemos, na Zona Sul de Porto Alegre e o Quilombo dos Teixeira, localizado em Mostardas/RS.

O número relativamente alto de inscrições no curso e a grande quantidade de quilombolas (de variadas origens) não se refletiu na presença física dos estudantes (FIGURA 06 e 07). As primeiras aulas contaram com somente 4 alunos, número que aumentou posteriormente devido à prorrogação dos chamamentos e a continuidade das divulgações pelas redes sociais. De forma geral, a principal justificativa para a não-participação nas aulas, conforme apurado pelos monitores do curso, envolveu as dificuldades atreladas ao acesso ao transporte público. No momento da inscrição dos estudantes foi constatado que 72,2% iriam para as aulas de ônibus, um número relevante em relação aos outros modais citados. Porém, a distância entre a residência dos estudantes e o local das aulas obrigaria a locomoção a partir de mais de um ônibus, o que inviabiliza financeiramente a presença de diversos alunos.

Figuras 06 E 07 - Aulas sendo realizadas no Curso Pré-Vestibular Popular Quilombo Flores



Fonte: Camila Hermes/Agência RBS (2023)

Nesse sentido, cabe realizar o primeiro diagnóstico: havia um alto interesse na participação das aulas, porém, a impossibilidade devido às dificuldades financeiras não tornou possível a presença no curso. Retoma-se aqui, o que Bourdieu e Champagne chamam de “eliminação branda”: apesar da vontade e da intenção, a realidade financeira já serve como mais uma “questão” eliminatória dentro do processo seletivo do Ensino Superior. A partir desse primeiro choque de

realidade, foi realizada uma força-tarefa por parte dos monitores do Curso para a arrecadação de fundos que visavam garantir a passagem dos estudantes, a fim de possibilitar a ampliação da presença nas aulas (FIGURA 04). Através desse projeto, foi possível, com o passar do tempo, garantir o pagamento da passagem de ônibus dos estudantes que mantinham presença regular nas aulas. Dessa forma, ao longo do ano, foi atingido o número de 9 estudantes com presença semanal.

Figura 08 - Card de divulgação para arrecadação de apoio para as passagens de ônibus dos estudantes

APOIE UM ESTUDANTE

O CURSO PRÉ-VESTIBULAR POPULAR QUILOMBO FLORES ESTÁ DIANTE DE UM **GRANDE DESAFIO**: GARANTIR A **PERMANÊNCIA DOS ESTUDANTES NAS AULAS PRESENCIAIS**, QUE ACONTECEM TODA QUARTA-FEIRA NO TERRITÓRIO DO QUILOMBO FLORES.

Nosso objetivo é garantir transporte de ida e volta por **21 aulas para 25 estudantes**

CONTRIBUA PARA ESSE MOVIMENTO DA EDUCAÇÃO POPULAR

CHAVE PIX
 quilombodosflores283@gmail.com
 Geneci Flores/Nubank

Fonte: Instagram do Curso Pré-Vestibular Popular Quilombo Flores (2023)

Ao longo do processo de divulgação, cabe ressaltar a participação do Curso Pré-Vestibular Popular Quilombo Flores em matérias de jornais impressos e digitais, que oportunizaram um incremento na divulgação das atividades do curso, atraindo mais estudantes inscritos e vários tipos de doações, desde um aumento no auxílio para as passagens de ônibus até livros das leituras obrigatórias dos vestibulares e apostilas de exercícios. Foram realizadas duas matérias de jornal sobre o Curso: uma delas divulgada no jornal Diário Gaúcho/GZH Digital e outra no jornal digital

Brasil de Fato (FIGURA 05). Ficou claro a importância da criação de uma rede de contatos entre os diferentes cursos pré-vestibulares populares a fim de permitir uma troca de materiais e a divulgação de diferentes demandas entre si. Mais do que isso, também se mostrou relevante a importância da divulgação, pelos meios digitais, das atividades do curso.

FIGURA 09 - Reportagens sobre o Curso em jornais digitais



Fonte: Jornal GZH (2023) e Brasil de Fato (2023)

O desenrolar do ano letivo, mesmo com um número baixo de alunos se comparado ao número de interessados, também revelou desafios importantes a serem citados. Inicialmente, o fato do perfil da turma ser muito variado, com alunos de diferentes idades e trajetórias educativas, revelou um grande desafio aos professores, como citado ao longo da entrevista realizada posteriormente. Ainda que houvesse uma baixa periodicidade de aulas (se comparada a outros cursos pré-vestibulares que possuem aulas diárias), essa característica do Curso também

gerou demandas que tiveram que ser analisadas pelo grupo de monitores. Buscando expandir as possibilidades de estudo autônomo dos alunos para os outros dias da semana, foi organizado uma Apostila de Estudos no mês de setembro com todos os conteúdos trabalhados até o momento. Como resultado da edição desse material, os alunos tiveram acesso a uma apostila de aproximadamente 30 páginas, com resumos dos assuntos abordados, questões acerca dos conteúdos e o gabarito de cada uma delas.

Diversos desafios foram constatados ao longo das aulas na primeira edição do Curso Pré-Vestibular Popular Quilombo Flores. O acesso à materiais didáticos, a retomada de uma rotina de estudos por parte dos estudantes que não estavam em idade escolar e as condições financeiras de se deslocar até o local das aulas foram pontos de importante observação ao longo do ano e que necessitaram de atenção específica por parte da monitoria do Curso, principalmente para garantir que não houvesse uma evasão ao longo das aulas. Apesar de tudo isso, 5 dos 9 estudantes realizaram o ENEM no final do ano.

Ao final do ano letivo foi realizado um evento de encerramento do curso em que foi reforçada a importância desse tipo de atividade dentro de um território quilombola, tanto pela valorização da educação como um todo, quanto pela abertura desse espaço para a comunidade do bairro Glória. A celebração do encerramento do ano do curso com a presença de todos os estudantes e seus familiares foi um exemplo claro da consolidação do Curso dentro do território, apesar das variadas dificuldades, e a expectativa de crescimento do projeto no ano seguinte.

Figura 10 - Evento de encerramento do Curso Pré-Vestibular Popular Quilombo Flores



Fonte: Curso Pré-Vestibular Popular Quilombo Flores (2023)

6. ENTREVISTA COM OS EDUCADORES DO CURSO

Considerou-se relevante, como um fechamento das atividades do curso, a realização de uma entrevista com um grupo de educadores que fez parte das atividades ao longo do ano letivo. O principal objetivo da entrevista foi analisar de que forma eles construíram novas percepções acerca da presença quilombola em Porto Alegre e de que maneira o curso influenciou na construção das suas identidades docentes. As suas respostas geraram diversas inquietações que foram levadas em consideração para a organização de atividades nos anos posteriores. As perguntas realizadas ao longo de toda a entrevista seguem abaixo:

1. Apresentação
 - a. Nome
 - b. Idade
 - c. Formação acadêmica
 - d. Experiência docente

2. Quilombos

- a. O que é um território quilombola para ti?
- b. O que é uma educação quilombola para ti?
- c. Por que tu se interessou em dar aula nesse curso?
- d. O que tu conhecia sobre os quilombos de Porto Alegre antes de entrar no cursinho?
- e. O que tu conhece agora sobre os quilombos de Porto Alegre?
- f. Tu acha importante a existência de um curso pré-vestibular num quilombo? Por quê?
- g. Uma aula num quilombo pode ser diferente do que uma aula em outros espaços educativos? Como?

3. Formação docente

- a. O Curso Pré-Vestibular Popular Quilombo Flores modificou tua maneira de lecionar?
- b. Quais foram os principais desafios que tu enfrentou ao longo das aulas no curso?
- c. Quais diferenças tu percebeu entre o Curso Pré-Vestibular Popular Quilombo Flores e outros espaços educativos?
- d. Tu acha importante que os quilombos urbanos de Porto Alegre sejam abordados na sala de aula das escolas?
- e. A Educação Popular e a Educação Quilombola podem estar unidas? Como?
- f. O que tu acha que o Curso Pré-Vestibular Popular Quilombo Flores pode melhorar para o ano que vem?

As entrevistas foram realizadas no dia 23/11/23, às 18:00, na Sede da Associação do Quilombo Flores, ou seja, no mesmo local em que foram realizadas as aulas. Foram entrevistados de forma coletiva três educadores e as respostas descritas aqui (quando não citadas na íntegra) são resultado de uma construção conjunta por todos. No que tange à experiência docente, todos os educadores relataram participações em outros cursos pré-vestibulares, tanto populares quanto privados. Dessa forma, a experiência anterior citada por eles foi levada em consideração para o questionamento das perguntas seguintes.

A primeira pergunta realizada aos educadores diz respeito aos seus conhecimentos sobre os quilombos urbanos de Porto Alegre antes e depois da participação no curso. De forma geral, foi destacado que, antes das atividades realizadas no Curso, o conhecimento acerca de quilombo era restrito ao passado

colonial e às áreas rurais, demonstrando que a pouca referência feita na escola sobre o tema envolve o Quilombo dos Palmares, tratando, de certa forma, a história palmarina como a única experiência possível para um quilombo. Foi citado também um contato anterior com quilombos de Porto Alegre a partir da divulgação de eventos realizados com outros movimentos sociais, como movimentos estudantis e diretórios acadêmicos, que em situações pontuais atuaram em conjunto com os quilombos de Porto Alegre através da divulgação de determinadas atividades.

Em seguida, os educadores destacaram que, após as vivências ao longo do ano no Curso, foi marcante a relação de acolhimento percebida no Quilombo Flores por parte das lideranças, tanto com eles próprios, quanto com os estudantes do Curso. Além disso, os educadores destacaram a importância das falas a respeito dos processos de luta pela titulação dos territórios, um assunto que se demonstrou muito presente ao longo do ano e, principalmente, nas falas do evento de encerramento do curso. Foi citado o desconhecimento a respeito das diversas burocracias que permeiam a titulação do território e os conflitos que isso gera a partir de outros agentes, como a especulação imobiliária, sendo pontuado que esse assunto pode ser abordado em reuniões pedagógicas futuras. Por fim, também foi comentada “a importância da existência do curso na proposição de novas territorialidades em Porto Alegre e as possibilidades que isso gera para uma pedagogia decolonial”.

Em seguida foi realizado um questionamento acerca das diferenças percebidas pelos professores entre as aulas realizadas nas outras instituições que já trabalharam e as aulas realizadas no quilombo. Foi questionado tanto as suas percepções nas práticas ao longo do ano quanto às suas avaliações acerca de possibilidades e horizontes. Inicialmente, as respostas envolveram a avaliação de que sim, há uma diferença visível entre uma aula realizada num território quilombola e uma aula realizada em outros espaços, porém foi citado a dificuldade em construir uma educação para cidadania e, ao mesmo tempo, conectar os conteúdos que serão cobrados nas provas. Esse ponto é muito relevante, pois envolve justamente o grande “fardo” carregado ao longo de um curso pré-vestibular popular: ao mesmo tempo pragmático e circunstancial, o espaço também busca ser político e crítico. Essa contradição foi pontuada pelos professores e reforçada enquanto um aspecto percebido ao longo do planejamento das aulas. A partir da minha experiência em

outros cursos pré-vestibulares, percebo que esse é um desafio generalizado, tendo em vista que ambos os objetivos já são extremamente difíceis de serem atingidos de forma isolada, juntos então, tornam-se quase impossíveis. Além disso, é citada as diferenças e semelhanças, porém, retomando justamente as possibilidades pedagógicas que os valores afro-civilizatórios brasileiros possuem, não apenas num território quilombola, mas principalmente no espaço do Curso:

“Estar aqui, neste território, nos dá um convite de pensar as nossas aulas não só pelo aspecto de trazer as temáticas quilombolas para a aula, mas pensar as aulas pegando esses princípios da oralidade, da condição do pensamento, esses conhecimentos todos como ferramentas, não como verdades, mas como ferramentas para chegar em lugares. Então, uma aula quilombola parte desse lugar do professor, de onde ele vem e dos objetivos dele, mas também desse convite, dessa tentativa de, pelo menos, estremecer um pouco de como a gente conduz as nossas aulas, mas é necessário que o professor esteja aberto a repensar as suas metodologias.”

Essa fala marca um aspecto importante do curso: as mudanças possíveis na construção da identidade docente dos educadores ao entrar em contato com uma nova territorialidade. Nesse sentido, o Curso Pré-Vestibular Popular Quilombo Flores permite uma experiência, provavelmente, única em Porto Alegre. Porém, como ressaltado pelos educadores, essa experiência só é possível caso haja uma abertura para repensar suas metodologias. Sendo assim, percebe-se que a simples presença dentro de um território quilombola não necessariamente afeta de forma direta a forma como os professores organizarão suas aulas, mas serve de um estímulo (ou uma inquietação) para que repensem seu fazer docente e desenvolvam novas perspectivas dentro da profissão.

O debate acerca das possibilidades de uma educação popular e quilombola foi feito através da pergunta: “A Educação Popular e a Educação Quilombola podem estar unidas?” e gerou um ponto importante a ser considerado: a necessidade de que, num território quilombola, o entendimento de que todos os sujeitos têm o que ensinar, sejam eles estudantes ou professores, se mostra ainda mais relevante, tendo em vista que, nesse território, a matriz do conhecimento possui diferentes origens se comparada à, por exemplo, o conhecimento acadêmico majoritariamente difundido. Essa observação feita pelos educadores chega numa conclusão

importante: o conhecimento acadêmico pode auxiliar no desenvolvimento de uma aula com sentido e propósito, mas não é o único instrumento a ser utilizado e, mais do que isso, não é garantia de que as práticas do educar terão intencionalidade e sensibilizarão o aluno de alguma forma. Por fim, todos os educadores consideraram a conexão intrínseca entre uma educação popular e um espaço educativo dentro de um quilombo, ou seja, os valores quilombolas e as práticas realizadas num território, por estarem relacionadas a uma população engajada em torno de lutas como a redução das desigualdades sociais, o antirracismo e a prática de valores civilizatórios de matriz africana, compartilham objetivos e horizontes com a educação popular, que também busca a formação de sujeitos críticos em relação à realidade à sua volta.

A entrevista com os professores foi, de maneira geral, carregada de termos teóricos, uso de conceitos acadêmicos e análises um tanto quanto abstratas. Apesar das perguntas geradoras terem sido feitas com o objetivo de haverem respostas abertas, foi perceptível que os questionamentos geraram mais dúvidas do que certezas entre os educadores, possibilitando, também, uma reflexão sobre suas próprias práticas em sala de aula. Nesse sentido, as observações que realizei ao longo das aulas enquanto monitor também permitiram uma reflexão sobre a própria entrevista com os educadores: percebi que, entre todos os educadores do Curso, houve um grande choque de realidade nas primeiras interações com os alunos, relacionado ao relativo distanciamento entre os conceitos científicos que os educadores demonstraram conhecer (ao trazerem perspectivas teóricas na entrevista relacionadas às perguntas “O que você considera um quilombo?” e “O que você considera uma educação quilombola?”, por exemplo, mas estendendo-se também a todos os educadores, entrevistados ou não, que demonstraram amplo conhecimento de suas respectivas áreas de estudo) e as suas práticas em sala de aula. Ainda que temas sociais importantes tenham sido abordados ao longo de todas as atividades, muitas vezes a construção de determinadas ideias, que na perspectiva acadêmica podem parecer óbvias, não conseguiram se estabelecer em aula através de um diálogo tão aberto com os estudantes. Um detalhe a ser considerado, nesse caso, é que a maior parte dos educadores do Curso já possui a graduação completa no Ensino Superior e, mais do que isso, muitos estão realizando pós-graduação, seja no mestrado ou no doutorado. Logo, considero que

essa inserção na Universidade se manifestou nas aulas de diversas maneiras, como no uso de um vocabulário demasiadamente acadêmico, através linguagem corporal ou das escolhas dos conteúdos a serem abordados nas aulas. A partir desta dificuldade que ficou perceptível nas aulas iniciais, a situação foi interpretada de maneira diferente por cada educador. Se por um lado alguns educadores demonstraram uma autorreflexão entre uma aula e outra e modificaram sua postura, sua linguagem e suas estratégias de aula, de forma inversa, outros educadores mantiveram as mesmas práticas ao longo de todas as aulas. Nesse sentido, me parece evidente que a construção da identidade docente a partir das experiências em espaços educativos só é possível a partir de uma autorreflexão ou, como citada justamente por Paulo Freire (1997), uma autocrítica: "O educador ou a educadora progressista, ainda quando, às vezes, tenha de falar ao povo, deve ir transformando o *ao* em *com* o povo".

Porém, é importante salientar que não busco, de forma alguma, apontar o dedo para o trabalho realizado pelos educadores que auxiliaram de forma muito importante na consolidação desse primeiro ano letivo do curso. Considero, inclusive, que me incluo nesse contexto, tendo em vista que também estou na Universidade e, acostumado a dialogar com meus pares, trago junto da minha construção intelectual uma postura que não é, necessariamente, aberta a um diálogo constante. Nesse sentido, ao entrevistar professores e observar suas práticas, também percebo a necessidade de olhar para mim mesmo e refletir sobre a minha própria postura ao longo das minhas futuras aulas enquanto professor de Geografia. A construção das nossas práticas enquanto professores é constante e, mais do que isso, as lições que tiramos não são instantâneas, ou seja, os resultados da autocrítica podem demorar a se manifestar na prática.

A partir das respostas e do diálogo entre os professores, chegou-se à conclusão de que o entendimento da relação entre o território quilombola e o Curso é um fator relevante para a construção das atividades no Curso. Porém foi destacado por todos os professores a necessidade de fortalecer a presença física dos educadores ao longo das aulas. Considerou-se que, apesar de haver muito potencial dentro do território, o fato das aulas acontecerem somente uma vez por semana impede que haja uma convivência maior entre todos, e esse detalhe foi pontuado como extremamente importante para garantir que se crie uma conexão

entre os educadores e os alunos. Entendendo que as aulas presenciais são fundamentais, porém, por diversos motivos, é muito difícil aumentar a frequência das atividades, foram feitas sugestões sobre outras possibilidades: 1) A realização de aulas a partir das áreas do conhecimento, sendo elas essencialmente interdisciplinares e planejadas por mais de um professor. 2) A realização de atividades fora da sala de aula, como uma saída de campo, por exemplo, com a presença de todos os professores e os alunos.

Portanto, através das entrevistas com os educadores do Curso é possível compreender que, de fato, as experiências pessoais relatadas agregaram à formação das suas identidades docentes, tendo em vista que todos consideraram o trabalho dentro do Quilombo uma oportunidade de aprender, conviver e entender melhor a territorialidade quilombola. Por outro lado, muitos dos aprendizados relatados pelos professores ao longo da entrevista tiveram dificuldades em se estabelecerem enquanto prática durante as aulas, talvez por conta da frequência limitada de aulas do Curso, o que certamente prejudicou a troca entre educadores e alunos e o desenvolvimento de atividades de longo prazo, isto é, que pudessem ser realizadas em mais de um dia de aula.

Analisando as possibilidades de contribuição para a construção do presente trabalho, considera-se a construção de uma saída de campo pedagógica dentro do território uma forma interessante de criar laços, divulgar a história do Quilombo da Família Flores e aumentar a interação entre alunos e educadores. Portanto, a partir da sugestão final dos professores que foi realizada na entrevista, buscou-se uma construção conjunta com a liderança do Quilombo, Geneci Flores, e o advogado que representa o Quilombo da Família Flores, Ângelo Marcelo Curcio, para organizar pontos importantes a serem abordados ao longo dessa atividade.

7. Entrevista com Geneci Flores e Ângelo Marcelo Curcio

A partir da proposta realizada pelos educadores do curso, foi realizado, no dia 11/12, às 18h, na sede da Associação do Quilombo Flores, uma entrevista com a liderança do Quilombo, Geneci Flores, e o advogado do Quilombo, Ângelo Marcelo Curcio. A presença de Geneci, evidentemente, se justifica por conta da posição relevante dentro do quilombo, sendo uma liderança ativa dentro de movimentos

sociais e que representa não somente a família que vive no território, mas todo o legado construído ao longo da história do Quilombo. As perguntas utilizadas ao longo da entrevista e que compõem as respostas estão listadas, na íntegra, abaixo:

1. Apresentação Geral:
 - a. Nome completo
 - b. Idade
2. Quilombo:
 - a.
 - b. Você tem alguma memória (da infância, da juventude ou mais recente) que considera marcante em relação ao território? Uma festa, um evento, algo “ruim” etc. O que essa memória significa pra ti?
 - c. Ao apresentar o quilombo para alguém, o que você considera relevante para que se entenda a história (e a geografia?) desse território?
 - d. Caso fossemos realizar uma saída de campo para apresentar o território, quais lugares você acha importante passar?

A presença do advogado do Quilombo da Família Flores se justifica por diversos motivos: inicialmente, sua presença na cerimônia de encerramento do curso, com uma fala a respeito da sua vivência no Quilombo desde a infância (tendo em vista que foi um morador do bairro e cresceu junto com a Família Flores durante os anos 1970), a violência e os demais problemas sociais que atingem o bairro Glória na atualidade e a complexidade do conflito judicial que permeia a presença do Quilombo Flores em seu território. Suas ideias foram muito relevantes e possibilitaram o entendimento de que há diversas possibilidades de se realizar uma saída de campo que misture a história do Bairro Glória, a Geografia do Quilombo e a educação popular, tanto dentro da Geografia, quanto de todas as outras áreas do conhecimento. Nesse sentido, o objetivo da entrevista foi construir, de forma conjunta, alguns possíveis pontos que podem ser destacados ao longo da saída de campo.

Inicialmente foi questionado aos dois entrevistados a respeito de algumas memórias que ambos consideram relevantes em relação ao Quilombo. Ângelo pontua como fatos marcantes uma memória de infância relacionada a um incêndio que ocorreu na primeira casa da Família Flores, em 1981, citando que lhe causou

comoção o fato de que, apesar de terem sido levantadas hipóteses relacionadas a um incêndio criminoso, não houve investigações a respeito das causas. Esse fato, considerado por ele uma injustiça, despertou uma revolta em si, revelando uma forma de racismo, tendo em visto que, segundo ele, “jamais seria aberta uma investigação para ajudar uma família negra e pobre”. Porém, Ângelo também relata a forte união do bairro para auxiliar na reconstrução da casa.

A segunda memória destacada é o momento em que o Quilombo da Família Flores recebeu seu Certificado de Autorreconhecimento da Fundação Cultural Palmares, em 2017. A existência do documento é um motivo de muito orgulho, estando emoldurado e posicionado numa das paredes da sede da associação. O Certificado, do ponto de vista jurídico, permitiu uma relativa segurança quanto à permanência do Quilombo no seu território, sendo um instrumento que legitima a existência do território frente às autoridades e demais instituições, tendo em vista que a Fundação Cultural Palmares é um órgão federal vinculado ao Ministério da Cultura. Cabe ressaltar, porém, que a existência do Quilombo precede o Certificado de Autorreconhecimento, sendo esse documento apenas um instrumento jurídico de reconhecimento do território quilombola. Isso significa que devemos considerar que a identidade e a territorialidade quilombola existem porque a população do quilombo passou por um processo de autocompreensão, e não porque um documento (vindo de fora) assim as identificou.

Geneci, ao ser questionada sobre as suas memórias, reforça a sua relação com a matriarca da família, Rosalina, como um ponto importante na herança de seus valores e que busca passá-los para frente, reforçando a importância da ancestralidade dentro de seus valores. Além disso, também considera que tais valores foram fundamentais para que a família se mantivesse unida, apesar de todos os desafios enfrentados ao longo da trajetória de defesa do território quilombola.

Em seguida, a seguinte pergunta foi feita aos dois entrevistados: “Ao apresentar o quilombo para alguém, o que você considera relevante para que se entenda a história (e a geografia?) desse território?” Geneci considera que é necessário mostrar a importância do Quilombo ao longo da construção do bairro, tanto a partir do campo de futebol Caveirinha, que se localizava no território do quilombo, quanto pelo fato de, apesar das diversas transformações percebidas no

bairro da Glória, o Quilombo ter se mantido presente e resistido às diversas tentativas de retirada. Esse fato se mostra relevante, segundo Geneci, pois é uma mostra de que os valores ancestrais herdados pela família (como a empatia e o amor ao próximo, citados por ela) permanecem presentes através do Quilombo, enquanto as transformações da infraestrutura do bairro também significaram modificações na forma como as pessoas se relacionam. Nesse sentido, Geneci afirma que, mais do que mostrar pontos específicos do território, são os valores de convivência que são capazes de apresentar o Quilombo. Além disso, também pontua que a existência do Quilombo é um exemplo relevante para desenvolver uma educação que mostre a marca dos escravizados na construção do Brasil, permitindo uma prática antirracista de reconhecimento da presença negra. Nesse sentido, o território quilombola se manifesta enquanto um espaço fundamental para mostrar que o povo negro existe e está presente ao longo de todo o processo histórico de constituição da cidade de Porto Alegre.

Ângelo, por outro lado, traz uma perspectiva jurídica para uma apresentação a respeito do Quilombo da Família Flores. Ao relatar as disputas acontecidas em 2015, durante a tomada de parte do terreno do Quilombo e posterior construção de um estacionamento anexo ao Colégio Marista Assunção por parte da Fundação Marista, o entrevistado relata um fato importante: o estigma presente na postura dos policiais em relação aos movimentos sociais, especificamente ao entrarem em contato com a questão quilombola. Segundo Ângelo, esse ponto é relevante ao demonstrar que a luta quilombola pelos seus direitos é um caminho complexo e que possui várias frentes, entre elas uma maior formação dentro das polícias acerca desse assunto. Essa ignorância citada, segundo Ângelo, está incluída dentro de uma perspectiva da necropolítica, pois é utilizada como ferramenta para realizar atos violentos nas periferias de forma geral, não somente nos quilombos e demais movimentos sociais.

De forma geral, Ângelo descreve as injustiças processuais do caso e identifica que há parâmetros na Constituição brasileira para a defesa correta do território quilombola, porém, por uma série de questões estruturais ligadas à formação da polícia e do judiciário brasileiro, o caso não foi corretamente conduzido. Dessa forma, é necessário reforçar o fato de que esse tipo de processo, devido ao racismo histórico que se mostra presente nas instituições e naqueles que as representam, é

materializado dentro da condução do processo que retirou boa parte do terreno do Campo do Caveirinha que, no passado, foi tão importante para a construção da sociabilidade do bairro e do modo de vida quilombola. O simbolismo do conflito entre o Quilombo da Família Flores e a Fundação Marista está presente no muro que foi construído entre a parte do terreno tomada e a parte do terreno que permanece sob a posse coletiva do quilombo. Nesse sentido, tanto Ângelo quanto Geneci reforçam a importância do entendimento dos diversos significados do muro: não apenas separar as duas “propriedades”, mas também esconder o que acontece de um lado do que acontece do outro: foi citado na entrevista que a construção do muro alterou de forma estratégica os níveis altimétricos do terreno para que não fosse possível enxergar o que acontece do outro lado, mantendo o terreno do estacionamento num nível acima do que o nível do quilombo.

Por fim, foram identificados e listados outros pontos relevantes a serem considerados numa possível saída de campo pelo Quilombo Flores. O Arroio Cascata, que passa pelos fundos do território, foi um ponto marcado, sendo pontuado sua importância em diversos aspectos. Ângelo relembra a importância do Arroio para a sociabilidade do bairro durante a sua infância, na década de 1970, contando que as águas eram utilizadas para banho e coleta de água a ser consumida nas casas. Além disso, reforça o papel econômico do Arroio no sentido de ter sido o ponto das lavadeiras que vendiam seus serviços para os diversos casarões presentes na região, quando o bairro da Glória ainda era predominantemente rural. Sobre a relação com o Arroio Cascata, Geneci pontua que, a partir do momento em que houve um aumento da poluição nas águas do arroio, houve também uma perda da possibilidade de renda para essas famílias, atingindo inclusive o Quilombo de maneira específica, tendo em visto que a sua família foi a última a ter acesso à água encanada no bairro.

Fica claro, portanto, que o Quilombo da Família Flores se estabelece no Bairro Glória não somente como um território que herda uma ancestralidade ligada a práticas sociais e territoriais a partir de outras referências civilizatórias, mas que também é uma forma de analisar e compreender as constantes mudanças de perfil demográfico do bairro. Estabelecido num contexto em que ainda predominavam relações rurais, quando a população negra possuía um certo vínculo com as famílias donas dos grandes imóveis da região a partir do trabalho das lavadeiras, o Quilombo

acompanhou a gradual retirada dessa população, seja a partir de acordos com as famílias que ocupavam a área ou pela retirada das moradias consideradas irregulares. Geneci cita, como exemplo, as moradias que ocupavam a área que atualmente pertence a um mercado localizado na Avenida Oscar Pereira e descreve que as famílias que ali moravam também possuíam origens parecidas com as suas.

Ainda que a entrevista com Geneci e Ângelo tenha tido um objetivo específico, isto é, organizar de forma conjunta alguns pontos relevantes a serem abordados numa atividade pedagógica, a conversa realizada nesse dia foi muito mais importante do que apenas desenvolver este trabalho. Ao escutar as histórias que os entrevistados trouxeram, percebi como a presença de um território quilombola marca a História e a Geografia de um bairro como o Glória, e como essas marcas, memórias e valores trazidos por ambos refletem uma concepção de cidade totalmente diferente do que percebemos na atualidade. Geneci e Ângelo, a todo momento, mostram que suas utopias estão vinculadas a viver em paz, com a família e tratar as outras pessoas de forma acolhedora, e isso se reflete na maneira como lidam com o território e como concebem a cidade: ao descreverem o Campo do Caveirinha no passado e seus eventos, as tentativas de invasão do quilombo e as relações sociais em torno do Arroio Cascata, fica evidente que esses espaços tinham uma importância que vai muito além do Quilombo, mas permitiam a criação de laços comunitários no bairro.

Essa concepção de vida no bairro é absolutamente inversa ao que, ao longo de minha vida, percebi dentro dos círculos sociais em que convivo. Na escola, entre meus pares e na minha família, o lugar ideal para se viver sempre pareceu estar localizado em outro lugar, seja em outra cidade ou em outro país. O bairro, nesse sentido, assume uma perspectiva de passagem, onde não há necessidade de criar laços pois, se possível, não ficaremos para sempre nesse mesmo lugar. Nesse sentido, a entrevista com Geneci e Ângelo surgiu como uma forma de eu repensar minha relação com a minha própria vizinhança.

7. PROPOSTA DE SAÍDA DE CAMPO

A partir das informações, entrevistas e conversas realizadas ao longo do presente trabalho e da participação das aulas do curso, preparou-se uma proposta de saída de campo que poderá ser realizada tanto com os educadores, quanto com

os estudantes nas primeiras aulas do curso no ano letivo de 2024. Além de permitir uma introdução à história e à geografia do Quilombo, também é possível realizar diversas reflexões geográficas que possibilitam um debate a respeito do cotidiano dos alunos, a sua relação com a cidade e, também, abordar conceitos e objetos do conhecimento que serão utilizados para realizar as provas dos vestibulares. Portanto, além de se descrever os pontos da saída de campo, também serão incluídas algumas reflexões possíveis.

O ponto inicial, logo na entrada do Quilombo, refere-se à paisagem que os alunos observam ao estarem situados na Rua Manduca Rodrigues (FIGURA 11), seguido do seguinte questionamento: o que é possível enxergar de forma predominante nessa paisagem? Casas ou prédios? Árvores ou asfalto? Residências ou estabelecimentos comerciais? A partir das respostas é possível contextualizar essa mesma paisagem a partir do período em que houve as primeiras ocupações na região, tanto da população negra, quanto da origem dos vínculos territoriais do Quilombo Flores. É possível, também, realizar questionamentos relacionados à localização do bairro Glória em relação a outros bairros mais próximos do centro e as diferenças entre as paisagens em cada região de Porto Alegre, introduzindo alguns conceitos relacionados à urbanização e suas diferentes formas de execução ao longo da construção da cidade.

Figura 11 - Entrada do Quilombo e ponto de partida da atividade.



Fonte: do autor (2024)

Em seguida, ao entrar no território quilombola e seguir a pé até a sede da associação, é possível observar, de um ponto específico, residências construídas no topo do Morro da Glória, também conhecido como Morro dos Alpes (FIGURA 12 E 13). Tais residências fazem parte do projeto Minha Casa, Minha Vida - Entidades¹ associado ao Quilombo dos Alpes, que possui um vínculo direto com a formação do Quilombo Flores, tendo em vista que Rosalina e três de seus filhos moraram na Estrada dos Alpes antes de se mudarem até o atual território do Quilombo Flores (Pires et al, 2021, p.254). Dessa forma, esse ponto permite que se realize uma conexão entre o Quilombo Flores e o Quilombo dos Alpes, tomando este caso como ponto de partida para que se aborde os outros quilombos de Porto Alegre, por exemplo: ao explicar que as residências visíveis no alto do Morro dos Alpes se referem a outro quilombo, será questionado se os alunos sabem quantos quilombos

¹ O Programa Minha Casa, Minha Vida - Entidades (MCMV-Entidades) é uma linha de atendimento do Programa Minha Casa, Minha Vida, tendo como objetivo a concessão de financiamento subsidiado a famílias organizadas por meio de entidades privadas sem fins lucrativos para produção de unidades habitacionais urbanas, com recursos do Fundo de Desenvolvimento Social (FDS). O Programa apoia a produção social da moradia e a participação da população como protagonista na solução de seus problemas habitacionais, estimulando a organização popular e a produção habitacional por autogestão. (Brasil, 2023)

existem em Porto Alegre e onde se localizam, permitindo um espaço, dentro da saída de campo, de contextualização geral da marcante presença quilombola em Porto Alegre.

Figura 12 - Casas do Quilombo dos Alpes observadas a partir do Quilombo da Família Flores.



Fonte: do autor (2024)

No mesmo ponto também é possível observar o muro que separa o estacionamento do Colégio Marista Assunção e o terreno atual do quilombo (FIGURA 14). Como já desenvolvido ao longo do trabalho, essa infraestrutura é resultado de um processo de disputa envolvendo a posse da terra e é somente um de tantos exemplos perceptíveis na cidade a respeito do racismo e dos desafios que os quilombos urbanos enfrentam frente à especulação imobiliária. Nesse sentido, é necessária a problematização, ao longo da saída de campo, dos desafios enfrentados pelos quilombos ao longo das suas várias décadas de resistência. É possível ressaltar também o que estava presente no atual terreno do estacionamento antes da sua construção: o Campo do Caveirinha, importante espaço de socialização do bairro da Glória, que reunia pessoas de diferentes áreas a fim de se realizar campeonatos de futebol no passado (Flores, 2023). A relação

entre a função do campo de futebol antes (quando era uma área pública) e depois, quando passou a ser um estacionamento privado, também permite reflexões acerca da transformação do bairro da Glória e de quais formas o Quilombo da Família Flores se insere nesse contexto.

Figura 13 - Muro construído ao longo do conflito com a Fundação Marista.



Fonte: Do autor

O próximo ponto se refere ao Arroio Cascata (FIGURA 15), localizado nos fundos do Quilombo. Ponto importante sinalizado ao longo das entrevistas, permite uma análise a partir de diversas referências: inicialmente, é possível questionar aos alunos e professores quais poderiam ser as principais funções de um rio há 50 anos atrás e, por outro lado, quais seriam as funções do rio atualmente. As marcas de erosão nas rochas deixadas pelas lavadeiras indicam, evidentemente, a importante função pontuada por Geneci e seus impactos na economia de tantas famílias negras da região. Além disso, como pontuado por Ângelo, o rio enquanto um espaço de sociabilidade possível na época de sua infância permite uma reflexão acerca da vida no bairro da Glória: hoje em dia, quem teria a ousadia de mergulhar num rio que passa por dentro da cidade de Porto Alegre? Mais do que isso, não é surpreendente perceber que esse mesmo rio já foi utilizado como um espaço de lazer por pessoas

que estão vivas até hoje? Essas reflexões visam desenvolver um raciocínio acerca do modo de vida quilombola e sua relação com a natureza e, também, questionar os impactos sobre a natureza pela sociedade e as consequências das intervenções sobre o espaço urbano.

No ponto do Arroio Cascata é possível realizar outro questionamento: o que os alunos/educadores sentem de diferente estando próximos do rio, dentro do Quilombo, em relação ao primeiro ponto, localizado ainda no asfalto da rua de entrada? Nesse ponto, espera-se comparações relacionadas tanto aos aspectos sensoriais (sons diferentes, sombra, calor etc) quanto ideias acerca da própria paisagem (beleza, por exemplo), possibilitando uma introdução rápida a respeito dos diferentes fatores climáticos que englobam as cidades.

Figura 14 - Arroio Cascata



Fonte: Atlas da Presença Quilombola em Porto Alegre - Volume 1 (2021, p.265)

Por fim, o último ponto da proposta de saída de campo remete ao fato de Ângelo ter citado, durante a entrevista, o orgulho relacionado à conquista do Certificado de Autorreconhecimento da Fundação Cultural Palmares (FIGURA 16).

Portanto, a saída de campo se encerra justamente na sede da Associação, onde ocorrem as aulas, com a exposição do certificado que está emoldurado e posicionado numa das paredes do local. A explicação sobre a função desse documento tem o objetivo de exemplificar quais são as perspectivas futuras do do Quilombo, isto é, os objetivos e desafios relacionados à titulação da Terra, que é a parte final do processo de reconhecimento do território quilombola frente às autoridades.

Figura 15 - Certificado de Autorreconhecimento da Fundação Cultural Palmares exposto na sede da Associação.



FONTE: Camila Hermes (2023)

Muitos dos pontos citados nessa proposta de saída de campo também estão contemplados no Atlas da Presença Quilombola em Porto Alegre/RS a partir da perspectiva dos Marcadores Territoriais de Isabel Henriques (2003). Nesse sentido, através das duas fontes (o Atlas e a entrevista) foi possível organizar e sistematizar pontos importantes, que obviamente não resumem a História e a Geografia do Quilombo, mas permitem a formação de uma atividade que contemple uma

introdução à respeito do Quilombo da Família Flores, sua diversidade e suas perspectivas de futuro. Além disso, como a saída de campo está inserida num contexto da Geografia, é relevante estabelecer relações entre os pontos e os objetos do conhecimento que serão abordados nas provas dos processos seletivos, mas também utilizar esses mesmos objetos do conhecimento como possibilidades de se questionar os diversos problemas sociais perceptíveis na cidade de Porto Alegre, possibilitando uma reflexão com os alunos acerca de sua cidadania.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou, ao longo das discussões trazidas, relatar as experiências do primeiro ano letivo do Curso Pré-Vestibular Popular Quilombo Flores, trabalho construído em conjunto com estudantes, educadores, bolsistas do NEGA e lideranças do Quilombo da Família Flores. Através da escuta dos educadores, foi possível perceber diferentes concepções a respeito da educação popular e suas possibilidades dentro de um território quilombola. A minha participação ao longo da maior parte das aulas enquanto monitor gerou reflexões e impressões que culminaram na proposta de uma saída de campo, construída em conjunto com a liderança do Quilombo, Geneci Flores e o advogado do Quilombo, Ângelo Marcelo Curcio. Essa proposta se estabelece enquanto uma possibilidade educativa que busca equilibrar os dois aspectos marcantes dos cursos pré-vestibulares populares: a reflexão acerca da cidadania, das desigualdades sociais e das possibilidades de novas maneiras de viver; e uma preparação para os objetos do conhecimento que serão abordados nos processos seletivos de ingresso no Ensino Superior. Mais do que isso, também foi possível identificar desafios generalizados dentro das experiências dos cursos pré-vestibular populares: A evasão dos estudantes, a dificuldade em arrecadar fundos que garantam a sustentação do projeto, a baixa oferta de educadores e a os desafios relacionados à abordagem das aulas, tanto numa perspectiva cidadã, quanto numa perspectiva de preparação para os processos seletivos.

A organização do Curso Pré-Vestibular Popular Quilombo Flores foi, sem dúvidas, o meu maior desafio pessoal ao longo da graduação em Geografia. A tentativa de construir de forma conjunta um projeto que necessita de muito tempo e

recursos e propõe uma forma complexa de conceber a educação pode não ter conquistado resultados na forma de aprovações no vestibular, mas com certeza tocou sensivelmente as pessoas que nele participaram. A partir dos professores (que, pelos mais diversos motivos, aceitaram o desafio de participar de um curso no seu primeiro ano de existência) ou a partir dos alunos, que com as mais diversas bases de estudo, caminhos de vida e conhecimentos em relação aos quilombos de Porto Alegre, tiveram uma presença constante nas aulas, foram construídas as relações de afeto que me fizeram perceber que buscar as bases da realização de uma Educação Popular não está somente nos livros, artigos e aulas da faculdade, mas principalmente a partir da prática e da tentativa (e erro) de criar um espaço que promova a dúvida, encoraje a reflexão e permita que as pessoas mostrem suas vulnerabilidades, desconstruindo a lógica educacional que pune o erro e que atravessou todos os participantes do curso, tanto estudantes quanto educadores. Estar presente numa sala de aula, seja como monitor ou educador, permite desacelerar o ritmo intenso que vivemos em outros espaços e concentrar, especificamente, na reflexão acerca de outras possibilidades de vida. Por mais que o curso ainda tenha diversos desafios no seu desenvolvimento, é possível afirmar que já foi estabelecido um espaço educacional com muito potencial.

Participar da construção desse curso dentro de um quilombo me trouxe uma perspectiva diferente e desconfortável (no bom sentido) acerca da cidade de Porto Alegre: por mais que os debates acerca do racismo estejam presentes no meu meio enquanto um estudante de uma universidade pública, estar no NEGA me aproximou de muitas situações que eu, dentro de meus privilégios, talvez considerasse mais confortável me manter afastado. Ainda não consigo conceber o quanto essas experiências (não apenas na construção do Curso Pré-Vestibular, mas do NEGA em geral) modificaram minha forma de pensar e agir, porém, a relevância desse trabalho, já no final do meu curso, com certeza é determinante na minha vida. Nesse sentido, a participação na construção do Curso serviu como uma forma de me tirar do meu lugar-comum e me mostrar diferentes realidades e desafios. A partir dessas vivências, não me percebo como um educador agora completo, mas entendo melhor quais são minhas limitações, minhas visões de vida e minhas incompletudes. Seja em instituições privadas ou públicas, o que eu aprendi ao longo deste trabalho seguirá presente em minhas aulas de Geografia, de forma intencional ou não, como

um legado que marca de forma importante a construção de minha identidade docente.

REFERENCIAL

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. a pesquisa participante e a participação da pesquisa1. 2006.

BRASIL. DECRETO Nº 4.887, DE 20 DE NOVEMBRO DE 2003 Regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias. Disponível em: < <https://legis.senado.leg.br/norma/406577/publicacao/15686405> > Acesso em 30 jan 2024

BRASIL. Ministério das cidades. Sobre o MCMV - Entidades. 2023. Disponível em: < <https://www.gov.br/cidades/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/habitacao/programa-minha-casa-minha-vida/mcmv-entidades-1/sobre-o-mcmv-entidades> > Acesso em 05 jan 2024

BOURDIEU, Pierre; CHAMPAGNE, Patrick. Os excluídos do interior. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (Org.). Escritos de educação. Petrópolis:Vozes, 2003.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Editora Paz e Terra, 1997

FLORES, Laura Isabel dos Santos. Territórios pedagógicos: o futebol do quilombo da família Flores como linguagem para a educação geográfica. 2022.

HENRIQUES, Isabel Castro. Território e identidade. O desmantelamento da terra africana e a construção da Angola colonial (c. 1872-1926). Lisboa, 2003.

LEITE, Ilka Boaventura. O projeto político quilombola: desafios, conquistas e impasses atuais. Revista Estudos Feministas, v. 16, p. 965-977, 2008.

NASCIMENTO, Beatriz. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. Eu sou atlântica sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento - Alex Ratts. p. 117-145. São Paulo. 2006.

PASSARELLA, Marcelo. Pré-vestibular no Quilombo Flores busca recursos para garantir transporte de estudantes. Jornal Brasil de Fato. Porto Alegre. 10/08/2023. Disponível em:

<<https://www.brasildefatores.com.br/2023/08/10/pre-vestibular-no-quilombo-flores-bus>

[ca-recursos-para-garantir-transporte-de-estudantes#:~:text=O%20Curso%20Pr%C3%A9%20Vestibular%20Popular,que%20desejam%20retomar%20os%20estudos.>](#)

PMPA. Memória dos Bairros: A Grande Glória. Porto Alegre: UE/Porto Alegre, 1995.

PIRES, Claudia Luisa Zeferino; BITENCOURT, Lara Machado (Orgs). Atlas da presença quilombola de Porto Alegre. 2021. Disponível em <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/248507>.

PIRES, Claudia Luisa Zeferino; BITENCOURT, Lara Machado; FLORES, Geneci de Lurdes; FLORES, Gerson; FLORES, Gustavo; VASCONCELOS, João Batista da Costa; MELLO, Nara Maria Vasconcelos de; FLORES, William; et al. Quilombo da 43 Família Flores. In: PIRES, Claudia Luisa Zeferino; BITENCOURT, Lara Machado (Orgs). Atlas da presença quilombola de Porto Alegre. 2021. p. 253-281. Disponível em <https://www.editora letra1.com/epub/978-65-87422-19-0/>.

PITANO, Sandro de Castro. Paulo Freire, Jürgen Habermas e o ideal formativo da educação popular: cidadão ou sujeito social? Editora CRV. Curitiba - Brasil. 2016

TIDRA, Caroline. Pré-vestibular gratuito em quilombo de Porto Alegre está com inscrições abertas. Jornal Diário Gaúcho. Porto Alegre. 04/08/2023. Disponível em: <https://diariogauchoclicrbs.com.br/dia-a-dia/noticia/2023/08/pre-vestibular-gratuito-em-quilombo-de-porto-alegre-esta-com-inscricoes-abertas-31369874.html>

TRINDADE, Azoilda Loretto da. Percurso Metodológico. In: TRINDADE, Azoilda Loretto da; BRANDÃO, Ana Paula (org.). Modos de Brincar: caderno de atividades, saberes e fazeres. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho. (Coleção A Cor da Cultura, v. 5). , 2010

ZAGO, Nadir. Cursos pré-vestibulares populares: limites e perspectivas. Perspectiva, v. 26, n. 01, p. 149-174, 2008.

ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa: intitulada “EXPERIÊNCIAS E POSSIBILIDADES GEOGRÁFICAS NO CURSO PRÉ-VESTIBULAR POPULAR QUILOMBO FLORES (PORTO ALEGRE/RS)”. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, este documento deverá ser assinado em duas vias, sendo a primeira de guarda e confidencialidade do Pesquisador (a) responsável e a segunda ficará sob sua responsabilidade para quaisquer fins.

Em caso de recusa, você não será penalizado (a) de forma alguma. Em caso de dúvida sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato com o (a) pesquisador (a) responsável Guilherme Batistella através do telefone: (55) 991892008 ou através do e-mail batistella6432@gmail.com.

A presente pesquisa é motivada pela realização do Trabalho de Conclusão de Curso do pesquisador responsável, estudante de Geografia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O objetivo desse projeto é desenvolver um debate com os demais educadores do curso pré-vestibular que é objeto de estudo do trabalho a fim de fornecer subsídios para um melhor entendimento das demandas futuras do projeto, críticas e sugestões. Para a coleta de dados será utilizado uma entrevista, a partir da metodologia de grupo focal, que será registrada em áudio através de um gravador e posteriormente transcrita.

Você será esclarecido(a) sobre a pesquisa em qualquer tempo e aspecto que desejar, através dos meios citados acima. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento, sendo sua participação voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade.

O(s) pesquisador(es) irá(ão) tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo e todos os dados coletados servirão apenas para fins de pesquisa. Seu nome ou o material que indique a sua participação não será liberado sem a sua

permissão. Você não será identificado(a) em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo.

Ciente e de acordo com o que foi anteriormente exposto, eu _____ estou de acordo em participar da pesquisa intitulada “EXPERIÊNCIAS E POSSIBILIDADES GEOGRÁFICAS NO CURSO PRÉ-VESTIBULAR POPULAR QUILOMBO FLORES (PORTO ALEGRE/RS)”, de forma livre e espontânea, podendo retirar a qualquer meu consentimento a qualquer momento.

_____, de _____ de 20____

Assinatura do responsável pela pesquisa

Assinatura do participante